

Filme de Rezende é exibido com debate na UnB

Dois Candangos promove amanhã *première* de *Lamarca* com a presença do diretor e do ator principal, Paulo Betti, que debatem o filme com Silvia Oroz e Vladimir Carvalho

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cinema brasileiro busca um filme redentor. Um filme capaz de ultrapassar a casa dos 100 mil espectadores. Já que, nos últimos quatro anos, todos os títulos patinaram em números humilhantes: dois mil, cinco mil, 10 mil, 20 mil e olhe lá. E pensar que, nos anos 70, *Dona Flor*, *Xica da Silva* e *Dama do Lotação* ficaram entre seis e 12 milhões de espectadores.

Lamarca, de Sérgio Rezende, que será exibido em pré-estréia amanhã, na UnB, chega cercado de expectativa. Será que este filme vai salvar o cinema brasileiro? Esta e outras perguntas foram respondidas por Sérgio Rezende, 42 anos, autor de *Até a Última Gota*, *O Sonho Não Acabou*, *O Homem da Capa Preta* e *Doida Demais*. Bom de bilheteria, ele conseguiu, em 19 anos de carreira, firme diálogo com o público. *Capa Preta* vendeu um milhão de ingressos. *Doida Demais*, 700 mil.

Jornal de Brasília — E agora, Sérgio? Quantos espectadores você espera para *Lamarca*?

Sérgio Rezende — Gato escaldado tem medo de água fria. Dados chocantes (cinco mil, dez mil espectadores, 20 mil excepcionalmente) me deixam com a barba de molho. O que esperar de um País que teve sua política de cinema destruída por um presidente da República? A realidade, hoje, é tão brutal, que não temos mais o direito de sonhar. Não tenho nenhum número na cabeça.

Mas o filme vem agradando nas pré-estrelas.

— Fico feliz, ao final de cada sessão, com os comentários dos espectadores, dos críticos, dos familiares de *Lamarca*. Mas até agora, as sessões têm sido para convidados. Só em Porto Alegre, na última segunda-feira, o filme foi mostrado para seu público-alvo: os estudantes universitários. Foi uma recepção calorosa, seguida de animado debate. Na platéia estavam um dos 17 companheiros de *Lamarca* no Vale da Ribeira (um militante da VPR — Vanguarda Popular Revolucionária). No final da sessão, ele estava emocionado e elogiou o filme. Fiquei muito gratificado. Os 200 estudantes que conseguiram entrar também mostraram entusiasmo com o filme.

Pois é, quem sabe *Lamarca* conquista um milhão de espectadores?

— Não quero sonhar. Num País que cobra US\$ 5,00 pelo ingresso, é ilusão pensar em grandes platéias. Até porque o aliado histórico do cinema brasileiro é o povão, que não pode mais pagar ingressos a tais preços. Nem se deslocar para shoppings. Os cinemas de bairro e de subúrbio estão acabando.

O ponto forte de *Lamarca* é o elenco. Além de Paulo

Betti, em grande forma, você conta com atores magníficos como Orlando Vieira (Zé Barreto) e Eliezer de Almeida (Zequinha). Como foi o processo de escolha do elenco?

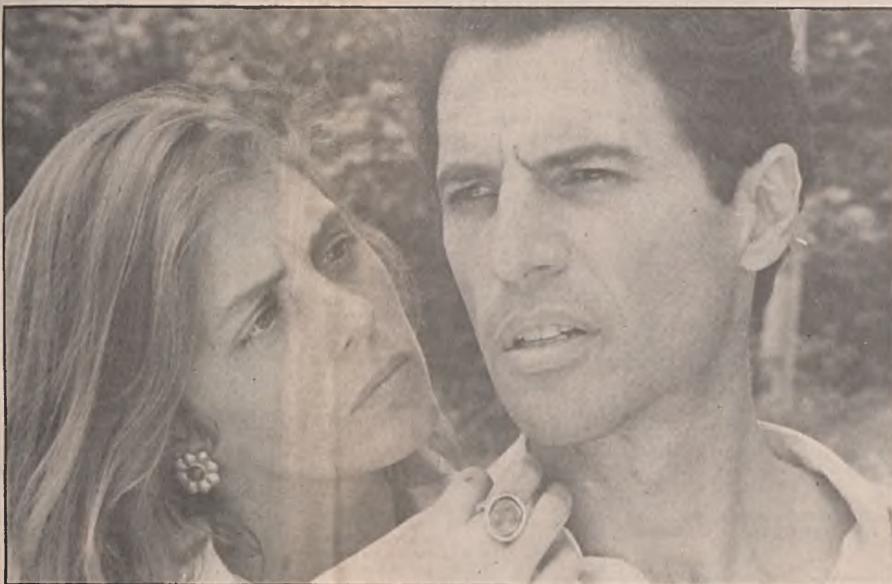
— Foi um mutirão. O Orlando Vieira me deixou doído desde *Sargento Getúlio*. Quis, na hora, fazer um filme com ele. Me contaram, porém, que ele havia morrido. Um dia, encontrei Hermanno Penna e soube que ele estava muito vivo em Sergipe. Na hora de montar o elenco de *Lamarca*, telefonei para ele. No ato, me respondeu: "Que dia, que hora, onde devo estar"? Desceu para o sertão da Bahia, animadíssimo com o filme e o personagem. Já o Eliezer de Almeida é um ator de Vitória. Como o Pólo Capixaba apoiou o filme, selecionamos elenco lá. Peguei uma fita do Sindicato de Atores e Técnicos onde cada um aparecia de frente e dizia "meu nome é tal, já trabalhei nesta e naquela peça...". Um portfólio eletrônico. Quando vi a cara do Eliezer não tive dúvida. É ele! Havia feito uma ponta muito pequena no *Vagas para Moças de Fino Trato*, do Paulo Thiago, e trazia experiência de teatro.

Ele faz um guerrilheiro obstinado, que não vacila. Parece um Che Guevara redvivo no sertão da Bahia. Já o personagem *Lamarca* é mais matizado.

— Isto vinha do roteiro. Como *Lamarca* é um homem que vive fechado em aparelhos, precisávamos de um contraponto solar, de um filho legítimo do sertão, um conhecedor das amarguras daquela terra de pedras íngremes e vegetação seca. Paulo Betti jogou papel fundamental no processo de trabalho com os atores e, em especial, com o Eliezer. Eles faziam ginástica juntos, se familiarizavam com a paisagem. Se Betti tivesse tido uma crise de estrellismo ou ciúme de dividir espaço com outro ator, não teríamos obtido o rendimento que obtivemos.

Como se deu a escolha de outros personagens. O Delegado Flores, Clara, Marina Pavan, os irmãos Olderico e Otoniel?

— Ernani Moraes (o delegado) foi sugestão de Paulo Betti, que o conhecia do grupo teatral Tapa. A Carla Camuratti foi sugestão de Alfredo Sirkis, que escreve para mim um roteiro sobre Gregório Fortunato (O Anjo Negro). José Dirceu, que namorou Yara lavelberg, aprovou com louvor a escolha. A Deborah Evelyn, eu mesmo escolhi. Gostei muito do trabalho dela na peça *Ligações Perigosas*, sete anos atrás. No Rio, contei com assessoria de elenco do Carlos Gregório, um grande ator. Ele ajudou na seleção que rendeu o Marcelo Escorel (auxiliar do Major). Está aí um ator que vai longe. Ele está no elenco de *A Falecida*, com Maria Padilha, e vem brilhando.



Carla Camuratti e Paulo Betti em cena do filme *Lamarca*, que entra em cartaz dia 9 no Cine Brasília

QUEM É QUEM

Lamarca (Paulo Betti) — Oficial do Exército. Serve em missão especial no Suez. Adquire consciência revolucionária. Deserta em 1969, com carregamento de fuzis. Opta pela luta armada no Vale da Ribeira e Interior da Bahia.

Zequinha Barreto (Eliezer de Almeida) — Balano, operário, militante político. Colega de *Lamarca*. Vai com ele para a Bahia e lhe serve de guia na caatinga. Carrega o capitão, febril e depauperado, em seus momentos finais (1971).

Major José de Abreu — Mais que o Major Nilton Cerqueira, hoje general reformado, o personagem representa o Exército indignado com a dissidência de um de seus integrantes.

Flores (Ernani Moraes) — Reencarnação do delegado Sérgio Fleury, ele é visto com certo desprezo pelo Major, pois "usa métodos que servem para caçar civis, não militares".

Clara (Carla Camuratti) — Ela interpreta, com nome trocado, Yara lavelberg, paixão extraconjugal de *Lamarca*. Vai com ele para a Bahia. Fica em Salvador, onde suicida-se durante batida policial.

Marina (Deborah Evelyn) — Ela interpreta a compreensiva esposa de *Lamarca*, Marina Pavan, que vai para Cuba com os filhos, no momento em que *Lamarca* assume a luta armada.

Zé Barreto (Orlando Vieira) — O ator sergipano, que bilhou em *Sargento Getúlio*. Interpreta o pai de Zequinha, Olderico e Otoniel. Perde dois dos três filhos homens e é torturado.

Marcelo Escorel — Auxiliar do Major. Desempenha papel importante na perseguição à família Barreto.

Omals: Carlos Zara, Roberto Bomtempo, Selton Mello, Néelson Dantas, Anna Cotrim, Patrícia Perrone, Camilo Bevilacqua, Jurandir Oliveira, Luiz Maças, Rogério Mattos, Glaisserson Farias, Kike Diaz e José Bernardino.



Lamarca (Betti) é carregado por Zequinha (Eliezer de Almeida)

Atuou no *Ed Mort* que abriu, na Globo, o *Programa de Auditório*. O Selton Mello, a Patrícia Perrone, entre outros, eu nem conhecia. Foram escolhidos em testes e o resultado nos agradou muito.

Os irmãos mais novos de Zequinha são atores ou gente da região onde você filmou?

— São atores balanos. Encontrei-os nos testes feitos em Salvador. Glaisserson Farias, de 17 anos, faz Otoniel, e Rogério Mattos faz Olderico. Há uma história do Rogério que vou contar, porque nos emocionou a todos. Ele foi selecionado e, logo depois, sofreu um acidente de moto. Levou 50 pontos no pé, que inchou, ficou enorme. Uma das seqüências em que ele ia participar seria feita num morro, no sertão. Dispensei-o, avisando que não dava para ele fazer o papel. Ele implorou, jurou que dava conta. Arrumamos um burro para levá-lo. Finalmente, chegamos a um ponto tão alto, que o burro empacou. Ele, para não perder o papel, subiu de joelhos. Foi esta paixão que moveu o filme.

Há alguém, no filme, que não seja ator?

— Há José Bernardino, líder da comunidade de Barro Vermelho, no sertão da Bahia. Quando o procuramos para filmar no local, fiquei impressionado com a figura física dele. Convidei-o a fazer o papel do amigo do velho Zé Barreto (Orlando Vieira). Ele aceitou na hora movendo a cabeça e dizendo: "perfeitamente".

José de Abreu faz o Major Nilton Cerqueira com comedido. Não o transforma num militar abominável.

— Esta foi a postura que escolhemos e que estava definida no roteiro. O hoje General Cerqueira pode ter mil defeitos, mas acreditava no que estava fazendo. Dia destes, no Colégio São

Vicente, Rio, durante debate sobre os 30 anos do golpe de 64, ele falou abertamente sobre *Lamarca*. Criticou "sua postura ideológica, sua traição ao Exército" etc. Mas jurou que não o matou pelas costas. Assegurou que *Lamarca* era um soldado e que, por isto, morreu lutando. Até gravel a conferência, pois achava muito interessante.

Mas ele vem falando mal do filme pela imprensa.

— Só que não conhece o filme. Fala sedimentado nos radicalismos do Exército, que vê os guerrilheiros como praticantes de crimes hediondos. O tempo passou e ele não evoluiu em nada. Crítica um filme que imagina ter sido feito. Não um filme real. E como a melhor defesa é o ataque, ele ataca. Mas meu filme não o agride.

Lamarca, para você, é uma recriação do mito de Prometeu. Gostaria que você definisse melhor esta compreensão, já que ela norteou a composição do personagem.

— Prometeu é um deus grego que rouba o fogo para dá-lo aos mortais. Por isto, Júpiter o acorrenta num penhasco, depois que ele se nega a arrepender-se de seu ato. Um abutre, a cada noite, lhe devora as entranhas. *Lamarca*, como Prometeu, quis fazer a revolução e negou-se a abjurar suas crenças. Há no filme momento em que um companheiro dele (Roberto Bomtempo) pondera que é hora de deixar a luta. "Será que o galo não está cantando pela segunda vez?" Mas assim, *Lamarca* não recua.

Lamarca, esmolabado e carregado por Zequinha no final do filme, lembra os dias derradeiros de Guevara na serra boliviana, não?

— Lembra mais o Brasil de hoje. Ele, a seu modo, foi um político, um soldado que buscou proximidade com o povo. Um país que conviveu com as gravatas francesas e os sapatos lustrosos de Collor precisa reavivar a memória e conviver com outros personagens.

As cenas do sertão são maravilhosas, mas as noturnas não ficaram azuis demais?

— Para mim, não. A fotografia, do Antônio Luís, tem uma unidade. No sertão, só filmamos com luz natural. No povoado onde filmamos nem havia luz elétrica e não levamos gerador. Criamos um clima opressivo tanto nos aparelhos quanto no sertão. *Lamarca*, no começo do filme, é um profissional de aparelhos políticos e, depois, cai na imensidão do sertão, mas não pode se movimentar. Torna-se um prisioneiro também dos grandes espaços. As noturnas foram feitas em noite americana (N.R. — filtro azul que dá idéia de noite, muito usado pela publicidade e pelo cinema americano, e que até deu título a um filme de François Truffaut).

Diretor atinge maturidade em seu 5º longa-metragem

Lamarca é um grande filme. O melhor de Sérgio Rezende. Difere, em tudo, de seus dois últimos e mais conhecidos trabalhos: o mistificador *O Homem da Capa Preta* e o confuso *Doida Demais*.

O quinto longa de Rezende é obra da maturidade. Com roteiro consistente (escrito em parceria com Alfredo Oroz), elenco de primeira linha (dos protagonistas aos coadjuvantes, todo mundo rende horrores), boa fotografia e magnífica trilha sonora (David Tygell se supera, desta vez), o cineasta construiu filme reflexivo, sem concessões ao facilitarismo.

Quem não conhece a história do capitão que enfrenta o Exército, depois de passagem conscientizadora pelo Canal de

Suez, terá até certa dificuldade em compreender sua trajetória. Muitos flash-backs se sucedem e Rezende fez questão de colocar um deles — o reencontro de *Lamarca* com o pai (Néelson Dantas), quando narra a experiência no Oriente Médio — somente na segunda parte do filme. Perdem os que gostam de narrativas mastigadas e ganham os que vão ao cinema para exercitar emoções e inteligência.

Lamarca é um filme que decepcionará os amantes do cinema de ação. Está a quilômetros-luz de *Platton*, por exemplo. Não há grandiloquência, tiros, nem rios de sangue escorrendo. As cenas de tortura são terríveis, angustiantes. Mas nada apelativas.

Não há heróis sem máscara, nem bandidos chapados. Flo-

res (o personagem fictício que encarna Sérgio Fleury) pode parecer digno de figurar na galeria de vilões da história brasileira. Mas Rezende não força a mão. Nem o Major (o hoje general Nilton Cerqueira), que matou *Lamarca*, é mostrado como um militar fanático. É, isto sim, um homem que acredita religiosamente na disciplina da força que representa e por ela tudo é capaz. Um homem que não perdoa um igual (*Lamarca* foi brilhante oficial do Exército) por mudar de lado.

Elenco — Há personagens no filme que ganham força pela qualidade de seus intérpretes. Orlando Vieira, que já brilhara em *Sargento Getúlio*, encanta na pele do velho Zé Barreto. De cabeça para baixo, sob tortura, constrói uma das melhores seqüências de *Lamarca*. Do mesmo nível do sulcido de Clara (Camuratti), que causa no espectador angustiante sensação de claustrofobia.

Paulo Betti, como *Lamarca*, está soberbo. Entregou-se de corpo e alma ao papel. Denso, pensativo, intimista. Duro em certas horas. Forma com o ca-

pixaba Eliezer de Almeida (Zequinha Barreto) dupla inesquecível. Preparem-se para conhecer um grande ator. Com perfil que o aproxima do visionário Che Guevara, Zequinha compõe magnífico contraponto para *Lamarca*. Parece ter a aridez da região de Ibotirama, sertão balano, onde serve de guia ao companheiro nascido no Rio de Janeiro.

A trama se desenrola primeiro em claustrofóbicos aparelhos (células de organizações clandestinas) e, depois, no arido sertão balano. A passagem pelo Vale da Ribeira (em SP) é curta. *Lamarca* sai do sufoco clandestino dos aparelhos para a imensidão da caatinga. Continua prisioneiro, pois aguarda a chegada de seu "exército". Só que a repressão dizima a guerrilha antes do combate sonhado.

Lamarca é isto: um filme sobre uma guerra que não houve. Registro de um sonho que não se concretizou, mas ganhou força simbólica. Força que a direção ressalta em poética e recorrente imagem de mulher árabe que caminha pelo deserto com



Sérgio Rezende com José de Abreu no set de *Lamarca*

filho esquálido nos braços. Tudo banhado por lamento musical enternecedor. David Tygell assina seu melhor trabalho. O fotógrafo Antônio Luís Mendes brilha no registro do sertão dregoso. Só causa certo incômodo com o azul excessivo de

suas noites americanas. O filme não vai causar furor nas bilheterias. Mas vai emocionar quem estiver em busca de um filme brasileiro honesto, sincero, bem narrado e, principalmente, bem interpretado. (Maria do Rosário Caetano)